

O Diagnóstico Diferencial nas Psicoses

Clarissa Ibañez de Lima

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

Resumo

Este texto se propõe levantar, a partir dos ensinamentos de Freud e Lacan, a importância do diagnóstico diferencial na clínica psicanalítica, abordando aspectos da fala de sujeitos pré-psicóticos que se diferenciam da fala de sujeitos considerados neuróticos.

Abstract

This text proposes to raise, from the teachings of Freud and Lacan, the importance of the differential diagnosis in the psychoanalytic clinic, approaching aspects of the speech of pre-psychotic subjects that differ from the speech of subjects considered neurotic.

No texto “Sobre o início do Tratamento”, de 1913, Freud destaca a importância do tratamento de ensaio, no qual ressalta que esse primeiro momento de escuta do sujeito é essencial para a definição do diagnóstico diferencial da estrutura psíquica e também para que haja uma abertura para o estabelecimento da relação transferencial, fundamental para a condução do tratamento. A partir dos ensinamentos de Freud e Lacan, podemos observar na clínica a possibilidade de nos depararmos com sujeitos que parecem neuróticos e que, entretanto, podem apontar para uma outra estrutura. Nesse sentido, em psicanálise é imprescindível que se chegue ao diagnóstico da estrutura psíquica a partir da escuta minuciosa do sujeito, na qual é possível identificar em sua fala, em casos de sujeitos pré-psicóticos, a presença de fenômenos elementares.

“O fenômeno elementar, irredutível, está aqui no nível da interpretação.”¹ (Lacan, 1956)

Trata-se de fenômenos cuja matriz mínima revela e contém a estrutura geral da psicose. Por serem consubstanciais a ela, isto é, patognomônicos, sua discreta presença nos indica a presença da estrutura psicótica, cujo desencadeamento clínico pode ou não haver-se produzido.
(Álvarez, 2009, p. 111)

Quando nos encontramos diante da suspeita de uma estrutura psicótica, podemos pensar, a partir de Lacan, como escutar este tipo de fala para identificar a presença de fenômenos elementares. Na prática da clínica psicanalítica por vezes se apresentam sujeitos que aparentemente estão em harmonia com certas demandas sociais, entretanto, alguns elementos da fala podem evidenciar a possibilidade de uma estrutura pré-psicótica. Mas como sabê-la? Como identificar o sujeito pré-psicótico?

Para introduzir a questão, recordamos em Freud, que nos deixou em Memórias de um doente dos nervos, o conhecido caso Schreber, um caso de psicose extraordinária de um juiz da corte de apelação da Alemanha, que teve seus primeiros indícios de surto depois dos 40 anos de idade. Isso é importante para mostrar que a psicose paranóica pode aparecer em uma

¹ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As Psicoses, 1988, pg 31

idade mais tardia para o sujeito. Neste sentido, Freud nos mostra como Schreber conduziu sua vida, casou-se e tornou-se um homem respeitado em seu meio profissional, como talvez qualquer outro sujeito normal o fizesse.

Para entrar na teoria das psicoses a fim de questionar o diagnóstico estrutural é necessário entender o processo de constituição do sujeito, que, de acordo com Lacan² em um primeiro momento, ao passar pelo estádio do espelho, o infans, que ainda não é sujeito, tem a possibilidade de entrar no registro imaginário e simbólico. Desta forma, o corpo do recém nascido, que é um organismo, vai sendo nomeado para deixar de ser um corpo biológico, e tornar-se um corpo marcado pelo significante, pelo simbólico.

A entrada do registro Imaginário, que se inicia da relação da criança com a imagem do Outro, na qual o bebê, que ainda não verbaliza assume a imagem do corpo no espelho recebido através do olhar da mãe. A imagem que é refletida ao bebê é de um corpo nomeado, falado por um Outro como sendo aquilo que o constitui na possibilidade de ter um corpo próprio. Esta relação com o Outro, chamada por Lacan de identificação especular é fundamental na formação do EU.

A partir desta experiência, o mundo interno passa a ser apropriado através de identificações imaginárias com o mundo externo, que lhe serão oferecidas por aquele que ocupa o lugar do grande Outro e que também revela a necessidade de se ser mediado pelo desejo do Outro.

“... o eu se constitui inicialmente numa experiência de linguagem, em referência ao tu, e isso, numa relação em que o outro lhe manifesta o quê? - ordens, desejos, que ela deve reconhecer, do seu pai, da sua mãe, dos seus educadores...”³ (Lacan, 1975)

Lacan⁴ também destaca em sua teoria, como releitura da obra freudiana, a importância do segundo momento do Édipo e os elementos que se organizam nele: O nome-do-pai e a metáfora paterna, para que se possa instaurar o processo da função simbólica no sujeito.

² LACAN, Jacques. O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 2009

³ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud. pg 219

⁴ LACAN, Jacques, O Seminário livro 5: as formações do inconsciente.

O Nome-do-pai é uma função que opera na entrada de um terceiro elemento na relação da mãe com a criança e é capaz de produzir um corte, uma falta enquanto significante, uma falta simbólica, portanto. Sendo este o instrumento para a metáfora paterna. A metáfora paterna é então o que determina o modus operandi do sujeito frente à lei simbólica. Ela é o que define, por sua presença ou sua ausência o destino da estruturação do sujeito neurótico ou psicótico.

Nas formações do inconsciente, a relação especular, a identificação simbólica, o Édipo para Freud e a metáfora paterna para Lacan, se articulam em um tempo lógico. A criança, que neste tempo ainda está ligada à imagem da mãe, ou seja, a do grande Outro, assume o lugar do falo a fim de ser o objeto de desejo dessa mãe, aí a única lei que opera é a lei do desejo. É então, a partir da função paterna, que uma nova lei é apresentada e que se sobrepõe à lei do desejo do Outro primordial que é a mãe, este é o momento de estruturação da função simbólica que é possibilitada pela metáfora paterna, que tem como agente o Nome-do-Pai. A Operação Simbólica que inscreve um terceiro na relação mãe-filho tem efeito de corte e separa um do outro. O pai, que não é um sujeito, que é uma função, cujo nome barra o desejo da mãe e que com sua lei interdita o gozo absoluto e a plenitude que só existe na simbiose da mãe com seu falo (o filho), corta um do outro marcando a interdição do incesto e insere no inconsciente os efeitos da castração. A função do pai, por si só, já é uma metáfora, um significante que livra aquele ser da condição de objeto possibilitando o surgimento de um sujeito. Desse processo, se observa que nas psicoses, há uma falha na função simbólica pela rejeição da metáfora paterna. Há então o que Lacan denomina forclusão do Nome-do-pai.⁵

Com a ausência de referências simbólicas, o sujeito que ainda não tem uma estrutura clara se utiliza de identificações imaginárias, a partir da relação especular com o Outro, o que Lacan⁶ nomeia como compensação imaginária, que funciona como estabilizador, como recurso capaz de intermediar as

⁵ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992

⁶ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992

relações sociais em sujeitos com estrutura pré-psicótica. Por este motivo, o diagnóstico estrutural não é fácil de se estabelecer em estruturas pré-psicóticas, pois o sujeito é capaz de apresentar em sua fala articulações muito bem feitas no registro imaginário.

Em um recorte clínico de um jovem de 26 anos, formado em administração e que chega à clínica através da indicação de uma amiga, estudante de psicologia, que lhe recomendou o tratamento, pois tinha dificuldades em concentrar-se para estudar para a prova de um concurso. Possui uma namorada que depois de um tempo rompe com ele. Revela haver chorado e diz que o rompimento se deve à influências sofrida por uma organização institucional da qual a garota faz parte. Após algum tempo traz a notícia de que foi aprovado no concurso, mas continua vindo às sessões, sem uma queixa aparente, sem uma questão, não se sabe o porquê vem. Fala de seus pais, fala da infância, fala dos amigos, de como um se comporta, de como outro age com garotas e sempre se colocando como um observador dos comportamentos da vida alheia, sem entrar em conflitos. Baseia-se no comportamento do outro e vai definindo padrões do que é ser homem ou mulher. Possui uma desconfiança em relação a um amigo que diz não ser leal às pessoas e por isso diz que não deve confiar nele, este amigo aparece em todas as sessões, mas em forma de narrativa e não como questão. Outro ponto que surge durante as sessões é a relação com o próprio corpo, na qual, a partir dos padrões que vai identificando no outro, começa a definir a sua própria imagem, deixar barba, ir à academia para ganhar músculos, frequentar a fonoaudióloga para obter uma voz mais grave.

Embora o jovem, em sua fala apresentasse narrativas metonímicas, muito ligadas à imagem do outro, que apontava para uma imitação e inclusive sutis indícios de paranóia, que levantaram a suspeita da possibilidade de uma estrutura psicótica, ainda não eram o suficiente para determinar um diagnóstico, pois o sujeito em questão, parecia possuir um movimento capaz de sustentar os laços sociais que também poderiam apontar para uma neurose obsessiva, na qual o significante muitas vezes aparece em

deslocamentos metonímicos⁷, como defesa da realização do próprio desejo, que em última instância, para o neurótico obsessivo, está ligado à morte do pai, conforme nos aponta Freud.⁸ Neste caso, o que parecia como metonímico literal, tratava-se de uma forte inibição como defesa. Após um tempo de análise, começaram a surgir produções metafóricas em sua fala, bem como questões subjetivas e um repertório próprio e singular sobre seu lugar no mundo. Pode-se perceber, então, tratar-se de uma neurose obsessiva.

De acordo com o clássico caso do Homens dos Ratos⁹, no qual Freud nos brinda com riqueza de detalhes o caso de seu paciente Ernest Lanzer, que relata que a partir de uma experiência ao seis anos de idade, quando o pai o censurou em um ato de masturbação, passou a não mais masturbar-se, desde então começou a nutrir um certo rancor por seu pai colocando-o como proibidor de seus prazeres sexuais. Tal recriminação foi tomada como uma recriminação de seu próprio ser. Ernest não dá uma significação simbólica à interdição sofrida e sim a toma como repúdio. O temor ao pai é tão intenso que desencadeia no sujeito a impossibilidade de manifestar seu próprio desejo, que em última instância é o desejo de morte em relação ao pai. O obsessivo então, desliza seu desejo e assim como na fenomenologia da linguagem das psicoses, a relação com o objeto é metonímica. Entretanto, na neurose obsessiva, ao contrário da estrutura psicótica, em que há uma falha da função do Nome-do-Pai, há desejo e há registro simbólico. Lacan afirma que essa articulação que o obsessivo faz é justamente o que permite preservar a dimensão do Outro.¹⁰

Por outro lado, o que se vê em uma estrutura pré-psicótica¹¹ remete a uma maneira do sujeito se ancorar no registro imaginário, a partir do que o outro lhe oferece, a fim de se ordenar no laço social, no qual sustenta-se na relação imaginária com o outro, sem de fato haver uma escolha própria em função da ausência da metáfora paterna que é central e organizadora. Por este motivo, a função diagnóstica não implica em categorizar a estrutura do

⁷ LACAN, Jacques. O Seminário livro 5: as formações do inconsciente, 1999

⁸ FREUD, Sigmund. Duas Histórias Clínicas (Homem dos Ratos), 1969

⁹ FREUD, Sigmund. Duas Histórias Clínicas (Homem dos Ratos), 1969, Pag. 180

¹⁰ LACAN, Jacques. O Seminário livro 5: as formações do inconsciente, 1999 - pg 497

¹¹ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992

sujeito, mas é importante para o manejo e a condução do tratamento, para que, não seja desencadeado um surto a partir de intervenções mal sucedidas, nas quais se espera que surja um efeito de transformação da queixa em questionamento por parte do sujeito e para que haja retificação subjetiva, na qual o sujeito passa a se implicar no seu sintoma, como ocorre nas estruturas neuróticas. Tais intervenções, que podem ser simples para um neurótico, como apenas relançar a fala para o sujeito, podem evocar a inscrição do Nome-do-pai, que falha no sujeito pré-psicótico e provocam uma injunção nesta organização, pela ausência do significante marcado pela metáfora paterna.

Neste sentido, a relação transferencial, que já é uma metáfora, na qual o analista entra como representante do outro para o sujeito neurótico, pode também provocar esta injunção no sujeito psicótico, por isso Lacan, no seminário 3, enfatiza que diante das psicoses não há análise e sim um tratamento possível, no qual o analista se oferece como secretário do alienado, sem realizar confrontamentos ou interpretações metafóricas.

Dada a importância do diagnóstico diferencial na clínica psicanalítica, como então identificar o sujeito pré-psicótico que chega à clínica com um fala dita "normal"? Se como diria Lacan: "Nada se assemelha tanto a uma sintomatologia neurótica quanto uma sintomatologia pré-psicótica"...? ¹²

Para Lacan, o que define a constituição psíquica é a relação do sujeito com a cadeia de significantes. Será a partir da linguagem, então que se observará os fenômenos elementares, um deles sendo transtornos de linguagem. Uma vez que, na falta da metáfora paterna o sujeito pré-psicótico é capaz de se inserir no campo da fala através das articulações imaginárias, mas não no campo do discurso, aquele que inclui o outro, que implicaria a inscrição do significante no registro simbólico.

Nas pré-psicoses a questão da estruturação da linguagem incide na forma de como a língua é usada, portanto, é possível apontar sutilezas e particularidades em sua relação com a linguagem em que se observa os

¹² LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992

fenômenos elementares, como nos aponta Lacan. A palavra é reduzida ao seu ponto de materialidade, unindo a coisa ao nome, sem diferenciações, sem possibilidade de metáfora ou de dúvida. As palavras são as coisas, assim é a certeza, é a literalidade, que na fala pode surgir como metonímia, mas não como metáfora. Isso aparece quando Lacan nos diz: “Se o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído pela linguagem”¹³, ele não faz pontos de amarração que somente a metáfora faz.

Em um outro relato clínico:¹⁴ Um paciente ao chegar na sessão irritado, agoniado explica o motivo – foi a uma loja de sapatos, e ao chegar lá ouviu uma moça comentar: “aqui está uma facada”! O paciente relata: “saí imediatamente, quem é doido de ficar pra levar uma facada”? Neste caso, aparece de forma mais clara o que Lacan nos diz de como a linguagem é levada à literalidade. O sujeito em questão, não foi capaz de interpretar que a “facada” se referia ao valor alto dos sapatos, entendendo de forma literal de que ali poderia estar sob o risco de se esfaqueado. Na fala do sujeito psicótico os sentidos estão fixados no significante, ambos estão colados, são sempre significantes mestres, o seja, na psicose, ao contrário da neurose, o significante não representa o sujeito para outro significante, pois significante e significado são a mesma coisa.

Podemos dizer que a questão de trabalhar com sujeitos psicóticos pode e deve ser uma escolha do analista e que embora Lacan recomende que não recuemos diante das psicoses, é preciso que haja desejo por parte do analista para aceitar trabalhar com todo o tratamento possível nas psicoses. No entanto, diante do exposto, é necessário e imprescindível ao analista, um profundo estudo a partir do que Lacan desenvolve sobre as psicoses para que seja possível chegar ao diagnóstico diferencial, entendendo os riscos de intervenções mal sucedidas em sujeitos pré-psicóticos. E a partir de então, escolher conduzir ou não o tratamento.

¹³ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992 - pg 284

¹⁴ BARRÊTO, Elisângela Ferreira - Causalidade, Nomeação E Linguagem Na Psicose, 2008

Referencias Bibliográficas

ÁLVAREZ, José María (2009). Estudios sobre la psicosis. Buenos Aires, Argentina: Grama.

BARRÊTO, Elisângela Ferreira - Causalidade, Nomeação E Linguagem Na Psicose, Universidade Federal Da Paraíba Centro De Ciências Humanas, Letras E Artes Programa De Pós-graduação Em Letras, João Pessoa, 2008

FREUD, Sigmund. Duas Histórias Clínicas (O Pequeno Hans e o Homem dos Ratos). Obras Completas, Vol X, Imago, Rio de Janeiro, 1969

FREUD, Sigmund. Sobre o início do Tratamento. Obras Completas. Vol XII, Imago, Rio de Janeiro 1969

FREUD, Sigmund. O Caso Schreber . Obras Completas, Vol XII, Imago, Rio de Janeiro, 1969

LACAN, Jacques. O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1975. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009

LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1992

LACAN, Jacques. O Seminário livro 5: as formações do inconsciente. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999

QUINET, ANTONIO. As 4+1 condições da análise, : Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.